

# O Brasil não tem mais tempo!

O que os economistas da equipe de Paulo Guedes precisam entender para melhorar a produção e aumentar os empregos no Brasil.

**Marcus Vinicius Rodrigues\***

Para dividir ou distribuir riquezas, é preciso criá-las. Para gerar riquezas, é preciso alcançar elevados níveis de produtividade na produção de bens e serviços. Com maior produtividade e ações para a qualidade, para manter ou ampliar as riquezas, gerando conseqüentemente mais empregos, é possível fidelizar os mercados.

Para atender as expectativas do Presidente Bolsonaro, que exige de sua equipe econômica, capitaneada pelo Ministro Paulo Guedes a geração de mais empregos, é preciso priorizar o binômio qualidade e produtividade em todos os segmentos seja na área pública, seja na área privada. É preciso ter qualidade e produtividade não só na manufatura e nos serviços, mas também na educação, na saúde, na segurança, no social, no parlamento, no judiciário, no executivo e entre diversas outras áreas.

A atual crise motivada pela COVID-19 está exigindo uma imediata reestruturação do governo e o caminho tem que ter como foco a qualidade e produtividade. Atividades como planejamento, desenvolvimento do setor produtivo, administração e modernização da administração pública, geração de empregos, gestão das finanças têm focos e objetivos complementares, mas diferenciados. No Brasil, hoje quase todas estas atividades estão concentradas em um único ministério. Em tempos normais isso já seria uma anomalia e dificilmente poderia trazer bons resultados. Em tempos de crise, os efeitos negativos dessa não conformidade administrativa são ampliados. Logo, é inevitável repensar e buscar urgentemente um novo modelo estrutural e estratégico para essas atividades.

O Brasil tem as condições necessárias e suficientes para ser independente e ter eficácia na produção de bens e serviços essenciais para o bem-estar de sua população, mas é preciso fazer realinhamentos estruturais e gerenciais. O desempenho do Brasil em diversas áreas hoje não é bom, se comparado a outras nações desenvolvidas ou em desenvolvimento do mundo. Os números nos rankings internacionais são comprometedores.

Historicamente, o Brasil tem cometido erros clássicos quando o assunto é gestão e a busca de melhores resultados por meio de programas de qualidade e produtividade.

---

\* **Doutor em Engenharia da Produção**, especialista e autor de livros na temática Qualidade e Produtividade, membro da Academia Brasileira de Ciências da Administração, Professor dos MBA's da FGV e Ex-presidente do INEP/MEC.

Muitos desses erros são devidos à ausência ou fragilidade de uma política governamental direcionadora. Outros decorrem do não alargamento dos programas; alguns com ações restritas e que apresentam uma defasagem diante dos objetivos explicitados e das estratégias ou planos concebidos para alcançá-los. Outros ainda, formatados ou gerenciados por gestores amadores ou curiosos, sem conhecimentos multidisciplinares e sem considerar os erros e acertos de experiências, nacionais e internacionais, passadas.

Apenas para se ter um parâmetro, no Governo Temer as atividades desempenhadas pelo hoje Ministério da Economia eram diluídas em quatro ministérios. No Governo Geisel, responsável pelo bem sucedido II Plano Nacional de Desenvolvimento, existiam três ministérios para cuidar das finanças, planejamento e desenvolvimento. Tinha ainda como assessoria direta uma Secretaria de Planejamento, cujo titular tinha o *status* de ministro de Estado, além dos Conselhos de Desenvolvimento Econômico e Social.

As ações governamentais para a estabilidade macroeconômica e para recuperar a infraestrutura são necessárias, mas não são suficientes. A Reforma da Previdência já aprovada e a Reforma Tributária, ainda em debate, são imperiosas. Mas o planejamento e a gestão das ações para a concepção de políticas, programas, projetos e processos para a reestruturação das ações governamentais e dos meios de produção e gestão precisam de uma dinâmica diferenciada. Essas são as principais células do desenvolvimento e da competitividade de uma nação.

O governo atual, por meio da Secretaria Especial de Modernização do Estado da Presidência da República e da Secretaria de Desenvolvimento da Indústria, Comércio, Serviços e Inovação (SDIC), subordinada ao Secretário Especial de Produtividade, Emprego e Competitividade (SEPEC), do Ministério da Economia, apesar de todo o esforço e dedicação de seus titulares, em um ano e oito meses, não apresentou à sociedade caminhos eficazes e definitivos para a busca de um novo modelo que motivasse a qualidade e produtividade no Brasil. O tempo esgotou. Não é mais possível esperar. É preciso resultados eficazes de curto prazo e ações imediatas que venham a sedimentar um futuro próximo desconhecido.

O erro faz parte do processo, permanecer nele não. O problema maior não tem sido o que os governantes e gestores brasileiros não sabem, mas sim o que eles sabem, mas que deixou de ser verdadeiro diante do pós-pandemia e de um contexto motivado pela sustentabilidade e conectividade.

Acorda Brasil!